

O mundo está outra vez reunido a discutir o clima

Apelos ao empenho e unidade na luta contra as emissões de carbono marcaram hoje o início da cimeira COP17 da Convenção das Nações Unidas contra as alterações climáticas na cidade costeira de Durban, África do Sul.

10:45 Segunda feira, 28 de Nov de 2011



COP17/CMP7
UNITED NATIONS
CLIMATE CHANGE CONFERENCE 2011
DURBAN, SOUTH AFRICA

A conferência da ONU sobre a luta contra as alterações climáticas começou hoje em Durban, na África do Sul, para tentar dar novo fôlego às negociações e delinear um futuro para o protocolo de Quioto.

Dos 194 países membros da ONU, 183 Estados participam nesta conferência de 12 dias, cuja cerimónia de abertura começou às 08:40 (mesma hora em Lisboa), no centro internacional de conferências de Durban, na presença do Presidente sul-africano, Jacob Zuma.

Quer a ministra sul-africana das Relações Exteriores, Maité Nkoana-Mashabane, quer a secretária-executiva da Convenção da ONU para as Alterações Climáticas, Christiana Figueres, as duas primeiras oradoras do dia, exortaram os governos e ONG presentes a não perderem de vista a urgência de ser assinado em Durban um acordo global que mantenha vivo o espírito do Protocolo de Quioto e relance o processo de redução das emissões de gases responsáveis pelo efeito de estufa.

Nkoana-Mashabane, presidente da COP17, salientou as consultas pré-conferência feitas pela organização com mulheres do continente africano, que sentem na pele os efeitos das alterações climáticas nas economias mais frágeis e o seu papel numa nova ordem mundial, recordando que elas presidem agora ao processo na conferência de Durban.

O futuro do protocolo de Quioto, único tratado internacional que impõe objetivos de redução de emissões de gás com efeito estufa a cerca de 40 países industrializados, deverá ser o assunto dominante, além de questões relacionadas com o financiamento para os países mais vulneráveis.

Fonte: <http://aeiou.visao.pt/o-mundo-esta-outra-vez-reunido-a-discutir-o-clima=f635954#ixzz1fOL9veGH>

Reflexão

Quem não sente o prazer de despertar ao som do chilrear dos passarinhos, enquanto os raios da grande estrela vão penetrando pela janela do nosso quarto? Até nesse pequeno aspecto a máquina tornou-se já irritantemente ensurdecadora. Só nesta pequena evidência concluímos, desde já, que tudo o que provém da límpida natureza tem em nós um efeito de uma calma nunca enfadonha, pois o próprio cantar das aves é desprovido de qualquer ritmo sistemático. Seremos uma minoria ao expressarmos a perspectiva aqui assente? Obviamente que não, o ser humano ainda não se transformou num *robot* ao ponto de repudiar a essência do natural. Então, assim sendo, por que motivo nos desprendemos tanto da mãe natureza para nos aliarmos à invenção e propagação de metais tão pouco amistosos quanto a sua própria cor? É importante salientarmos, neste momento oportuno, que o conforto sabe bem. Embora todos nós possamos viver sem electricidade – a madrasta da nossa civilização -, já ninguém consegue dispensar as óptimas qualidades de vida que nos fazem sentir aconchegados, saudáveis e felizes. Sem dúvida o bem-estar é uma mais-valia às nossas necessidades intelectuais.

O problema com que se deparam as sociedades contemporâneas está no facto de assistirmos constantemente, no papel de espectadores, às negativas reacções da Terra – o nosso verdadeiro lar protector. A revolta inata dos elementos que constituem o mistério do planeta é a prova directa de que o frágil equilíbrio despedaçou-se. Despedaçou-se! E agora? É a altura de corrermos desorientados com os braços no ar e a gritarmos como um homínídeo assustado? Não. Devemos reagir atempadamente com precaução contribuindo, cada um de nós, para a limpeza da nossa grande casa. É um disparate quando as pessoas cuidam das suas casas e se deslocam ao contentor do lixo deitando os resíduos com ar de satisfeitas ao pensarem no brilho que consta num espaço proporcionado por quatro paredes e um tecto. Face aos problemas ambientais, foi na presente era digital que a espécie humana começou a reconsiderar o impacto das suas acções no ambiente.

Desde a escrita poética de Aldo Leopold, que acorda as mentes humanas para a protecção da terra e de todas as criaturas que nela habitam, às declarações de Al Gore, que acredita que a resolução da crise ambiental está no sistema democrático americano, são inúmeros os autores que propõem soluções para o cessar das nefastas actividades do Homem. Além da existência da Legislação Básica do Ambiente e dos 365 conselhos de Joanna Yarrow na redução da pegada de carbono, a obra de Richardson Heinberg «Um Novo Pacto com a Natureza» sugere descaradamente a passagem de uma sociedade de consumo para uma comunidade sustentável, biorregional.

O livro resultou dos seus encontros com nativos americanos, maoris neozelandeses e aborígenes australianos; leituras de história, antropologia, economia e religiões comparadas; e anos de vida em comunidades experimentais.

Os alvos do livro são: registar os eventos históricos que nos levaram a identificar o «progresso» com a destruição do mundo natural e esquematizar o processo de renovação cultural. Portanto surge a necessidade do desenvolvimento de um novo pacto com a natureza.

O autor refere que enquanto as nossas ideias forem modeladas pela sociedade é difícil ter uma visão objectiva, por esse motivo devemos descobrir culturas diferentes com a finalidade de aprendermos algo novo. Embora haja alguns aspectos universais na experiência humana, é espantosa a diversidade de estratégias que os seres humanos adoptaram para resolver os problemas básicos da existência. Cada bando de vinte e cinquenta indivíduos identificava-se com uma localidade específica, contudo não consideram que possuam a terra. Pelo contrário, os povos indígenas acreditavam que a terra os possuía e sentiam-se na obrigação de a respeitar e proteger.

No capítulo Horticultura afirma que este contrato com a natureza, caracterizado pela domesticação de plantas alimentícias e pelo uso de um simples pau ou sacho para cultivo implica um profundo compromisso com o mundo da vegetação. «Aqui, o solo, os céus, as estações, o horticultor e a própria planta são todos participantes num sacrifício de uma semente mágica de que surge a nova vida.»

Esta é uma visão que, certamente, aprova o modo de vida dos proprietários da Quinta da Sobreira.